

# MÁSCARA DA MORTE NIETZSCHEANO – O perspectivismo moral de Friedrich Nietzsche em Cavaleiros do Zodíaco

**Ayanne Larissa Almeida de Souza**

Doutora e mestra em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente é aluna de pós-doutorado em Literatura pela mesma instituição. Professora da Educação Básica.  
ayannealmeidasouza03@gmail.com

## RESUMO

Este artigo tem por finalidade fazer uma análise da ideia de "relativismo moral" na filosofia de Friedrich Nietzsche a partir do anime *Saint Seiya* (Cavaleiros do Zodíaco no Brasil). O conceito de "relativismo moral" está intimamente relacionado à contemporaneidade e, em particular, aos proponentes do relativismo de Nietzsche, cujas questões permaneceram parte do pensamento do filósofo alemão e situadas com destaque em suas obras filosóficas. Investigando a personagem Máscara da Morte, de CDZ<sup>1</sup>, em uma determinada cena, procuraremos estabelecer uma relação da fala da personagem com a filosofia de Friedrich Nietzsche, que fala sobre a moralidade como perspectivista. Não há fatos, mas apenas interpretações.

**Palavras-chave:** Filosofia moral; Friedrich Nietzsche; Perspectivismo; Cavaleiros do Zodíaco.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar la idea de "relativismo moral" en la filosofía de Friedrich Nietzsche en el anime *Saint Seiya* (Caballeros del Zodíaco en Brasil). El concepto de "relativismo moral" está estrechamente relacionado con la contemporaneidad y, en particular, con los defensores del relativismo de Nietzsche, cuyas preguntas siguieron formando parte del pensamiento del filósofo alemán y se ubicaron de manera prominente en sus obras filosóficas. Investigando al personaje Deathmask, de CDZ, en una determinada escena, intentaremos establecer una relación entre el discurso del personaje y la filosofía de Friedrich Nietzsche, que habla de la moralidad como perspectivista. No hay hechos, sólo interpretaciones.

**Palabras claves:** Filosofía moral; Friedrich Nietzsche; Perspectivismo; Caballeros del Zodíaco.

## INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche dedicou parte de sua produção filosófica à problemática da moral. Ele pensou a moralidade como repressiva e relativa ao que podemos considerar como a

---

<sup>1</sup>Cavaleiros do Zodíaco.

manifestação desenfreada de desejos, necessidades e apetites histórica, geográfica e culturalmente mutáveis. Em duas de suas famosas publicações, *Para além do Bem e do Mal* (1886) e *Genealogia da Moral* (1887), Nietzsche argumenta intensa e efetivamente sobre a moralidade, e seu pensamento, sem dúvida, tem tendências relativistas pronunciadas.

Nietzsche identifica um grave problema que se encontra relacionado ao estatuto da moral e conseqüentemente também da verdade. Segundo o filósofo, os valores morais não são universais e absolutos, mas são, antes disso, construções condicionais de um grupo específico em momentos específicos com objetivos específicos. Nietzsche fala em uma interpretação ou “perspectiva” a respeito da moralidade ou dos valores em particular.

De acordo com Nietzsche, nenhum tipo de moralidade é correto ou incorreto nem aceitável ou inaceitável para todos; deve-se notar que Nietzsche considera que cada um é correto para um tipo de pessoa e incorreto para outras. Isso possibilita a Nietzsche assumir um nível mais importante sobre o relativismo moral. O perspectivismo, em Nietzsche, fala sobre um número infinito de perspectivas, uma multiplicidade de pontos de vista sobre um mesmo objeto ou situação.

Nesse sentido, Nietzsche percebe a fragilidade das chamadas “verdades históricas” e salienta uma de suas mais famosas máximas, que nos servirá de bússola para a análise pretendida aqui: “Não há fatos, apenas interpretações” (NIETZSCHE, FP, 12:7 [60]). O filósofo percebe que as verdades morais e metafísicas possuem um caráter histórico, e que as mesmas estão inexoravelmente relacionadas aos múltiplos modos de se viver da espécie humana. Em outras palavras, fatos ditos morais são dependentes das muitas maneiras, das várias perspectivas que observamos, vivemos, experienciamos e sentimos a realidade na qual cada um de nós está inserido.

A moral é, pois, o resultado das necessidades humanas aplicadas na realidade para sobreviver em um determinado tempo-espaço, em determinado grupo, situação, etc., ou seja, uma coisa que está fadada a se modificar ao longo do tempo e do espaço, transformando-se de acordo com os desejos e necessidades do indivíduo ou do grupo. As verdades morais surgem sempre a partir de uma determinada visão de mundo, de um ponto de vista singular, em outras palavras, emergem sempre vindas de alguma perspectiva.

Segundo Nietzsche, na seção 108 de *Para além do Bem e do Mal*, temos que “não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos”, fragmento que antecede, inclusive, a própria máxima que está contida nos Fragmentos Póstumos (12:7[60]), e que diz respeito aos fenômenos puramente morais. Na visão de Nietzsche, a realidade é moralmente neutra. Acreditar que existem realidades morais é a consequência de uma ilusão. O que temos é a existência de fatos ou fenômenos, aos quais uma interpretação moral é adicionada por nós dependendo da perspectiva moral específica a partir da qual julgamos. Segundo Nietzsche, o caráter moral de uma ação não foi, portanto, encontrado ou descoberto, mas sim introduzido na ação pelo ser humano.

O mundo parece ser valioso e significativo porque os seres humanos, anteriormente, conferiam valor e significado a um mundo que, em si mesmo, não possuía valor e sentido. São as pessoas quem projetam a moral, as avaliações e estimativas estéticas, religiosas e de outros tipos. E ao fazer isso, eles criam um mundo em perspectiva e totalmente antropomórfico, se esquecem de sua própria criação, acreditam erroneamente que o mundo era intrinsecamente significado e constituído. Essa consciência de que o mundo em si mesmo carece de um sentido é próprio do pensamento mais maduro de Nietzsche. O filósofo percebe que significado e valor são criados, e mais do que isso, devem ser criados. Na *Genealogia*, temos que:

Tomava-se o valor desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento. Até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao “bom” valor mais elevado do que ao “mau”, mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência fecunda para o homem [...]. E se o contrário fosse a verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico [...] (NIETZSCHE, Prólogo, §6)

Levando o supracitado em questão, pretendemos analisar o conceito de “perspectivismo” dentro da filosofia de Friedrich Nietzsche, no anime Cavaleiros do Zodíaco, investigando a personagem Máscara da Morte, mais especificamente uma fala da personagem em uma cena, na qual o cavaleiro de ouro de Câncer traduz em suas palavras a ideia de relativismo moral. Para a personagem, assim como para Nietzsche, cada indivíduo é responsável pelas leis morais que possibilitam a vida em sociedade. Para fazer a nossa análise, além de trazeremos os textos de Nietzsche, também utilizaremos alguns trabalhos críticos de autores especialistas sobre o perspectivismo nietzschiano.

## 1 NIETZSCHE E O PERSPECTIVISMO MORAL – UMA BREVE INTRODUÇÃO

O pensamento relativista em si mesmo salienta que a verdade não se mantém com o passar do tempo, ou seja, ela se transforma e, portanto, não é absoluta. De acordo com um relativista moral, todo e qualquer ponto de vista é válido e deve ser igualmente respeitado. O pensamento relativista pode ser encontrado no pensamento de diversos filósofos, como Friedrich Nietzsche (1844-1900), filósofo que prioriza a percepção e a observação de cada sujeito humano, ou seja, a experiência de cada indivíduo com a realidade.

A verdade, portanto, está no que cada um percebe do mundo. Para Nietzsche existe uma diferença racional entre o mundo aparente e o mundo verdadeiro. Segundo o filósofo, isso é apenas um falseamento entre mundo um verdadeiro e um mundo forjado. Tudo é uma construção humana, tudo é interpretação. Em outras palavras, o que cada um de nós percebe e observa do mundo é o válido, pois não há fato em si mesmo, apenas a interpretação que cada pessoa oferece para os fenômenos do mundo. De acordo com Nietzsche, o homem deve ser compreendido enquanto uma individualidade irreduzível, cujos limites e imposições da razão termina por dificultar a vida. O sujeito permanece estranho a ele mesmo, tal como as máscaras das quais pode e deve libertar-se. Nietzsche, na seção 301 de *A gaia ciência*, fala que:

Nós que meditamos e sentimos, somos nós que fazemos e não cessamos realmente de fazer o que não existe ainda: ou seja, este mundo sempre crescente de apreciações, de cores, de pesos, de perspectivas, de escalas, de afirmações e de negações. [...] Tudo o que tem algum valor no mundo presente não o possui por si mesmo, segundo sua natureza – a natureza nunca tem valor – foi preciso conferir-lhe um valor, atribuí-lo a ela, e fomos nós que o fizemos. Nós sozinhos criamos o mundo que interessa ao homem.

De acordo com Sebold (2016), o relativismo baseia-se na relatividade de um acontecimento, em que qualquer ponto de vista é válido e pode ser facilmente intercambiável. A verdade é mutável através do tempo-espaço, bem torna-se mal e vice e versa, o justo e o injusto são uma e a mesma coisa. Não existe ser, apenas a percepção que cada um possui daquele ser, esvaziado de uma essência, existindo apenas o fenômeno, a observação. Segundo Nagel:

As asserções de que algo seja verdadeiro ou falso, certo ou errado, bom ou mau [...] correm o risco de ser ridicularizadas como expressões de perspectiva limitada ou como forma de vida, não como base prévia para demonstrar que isso é equivocado enquanto outra coisa é correta, mas como uma maneira de demonstrar que nada é correto e que, ao contrário, estamos todos expressando nossos pontos de vista pessoais e culturais.” (NAGEL, 1998, p.14).

Dentro dessa discussão, encontramos o relativismo moral, uma questão muito importante atualmente dentro da área da *Metaética*, igual e amplamente discutido fora da filosofia. Isso

talvez não seja surpreendente, se levarmos em consideração as evidências recentes de que as opiniões das pessoas sobre o relativismo moral variam amplamente. O termo "relativismo moral" pode ser compreendido de inúmeras maneiras, estando na maioria das vezes associado a uma tese de que existem divergências morais profundas e difundidas de que a verdade ou justificativa dos julgamentos morais não é absoluta, mas relativa ao padrão moral de alguma pessoa ou grupo de pessoas. O "relativismo moral" encontra-se relacionado a uma posição normativa sobre como nós devemos pensar ou agir em relação àqueles de quem discordamos moralmente, mais comumente que devemos tolerá-los.

Na filosofia moral, o termo "relativismo" é geralmente considerado como sugerindo uma posição empírica, metaética ou normativa. A posição empírica geralmente diz respeito a que, como fato empírico, existem divergências morais profundas e generalizadas em diferentes sociedades, e essas divergências são muito mais significativas do que quaisquer acordos que possam existir. É o fim do Bem, do Belo e do Verdadeiro, é pensar que os valores dependem do tempo, do lugar, da cultura e das percepções individuais. Os padrões comuns estabelecidos são negados.

Isso significa que os julgamentos morais, não obstante, têm autoridade moral ou força normativa, não absoluta ou universalmente, mas em relação a algum grupo de pessoas, como uma sociedade ou cultura. Este ponto é normalmente aceito em relação à verdade ou justificação (ou ambos). Segundo Harman (1977), a verdade ou a falsidade dos julgamentos morais, ou mesmo sua justificação, não pode ser absoluta ou universal, mas relativa às tradições, convicções ou práticas de um indivíduo ou um grupo de pessoas. Em outras palavras, isso significa que um julgamento moral como "o homicídio é moralmente errado" pode ser verdadeiro em relação a uma sociedade, mas falso em relação a outra sociedade. Não é verdadeiro ou falso, simplesmente falando, mas de acordo com uma perspectiva. Não existe fato algum que seja em si mesmo bom ou ruim, tudo depende da interpretação que é dada ao fato por uma pessoa ou grupo de pessoas.

De igual modo, este julgamento pode ser justificado em uma sociedade, mas não em outra. As pessoas em uma sociedade podem ter diferentes evidências disponíveis para elas do que outras pessoas em outra sociedade. Mas os proponentes do relativismo moral geralmente possuem algo mais forte e provocativo em mente: que os padrões de justificação nas duas sociedades

podem diferir um do outro e que não há uma base racional para resolver essas diferenças. É por isso que a justificação dos julgamentos morais é relativa e não absoluta.

Harman argumenta que um julgamento moral de que, por exemplo, uma pessoa deva fazer determinada coisa implica que a pessoa tem razões motivadoras para fazer tal coisa, e que é provável que uma pessoa tenha tais razões apenas se ele ou ela entrou em um acordo com outras pessoas sobre o que fazer. Conseqüentemente, julgamentos morais desse tipo são válidos apenas para grupos de pessoas que fizeram estes acordos. Uma ação pode ser certa em relação a um acordo e errada em relação a outro. Os julgamentos implicam razões motivadoras, razões que não são fornecidas simplesmente por ser racionais, mas por requererem desejos ou intenções particulares que uma pessoa pode ou não ter.

Nesse cenário encontramos a filosofia de Friedrich Nietzsche que, ainda no século XIX, abriu as portas para as atuais discussões em torno do relativismo moral. Na filosofia de Nietzsche, o indivíduo é reduzido ao seu horizonte de possibilidades morais no qual os valores podem ser questionados, afirmados, negados e mesmo transformados, pois são temporais, em outras palavras, históricos, sem uma essência que os predetermine.

Analisemos, pois, o anime Cavaleiros do Zodíaco, especificamente a personagem Máscara da Morte, cavaleiro de ouro do signo de Câncer, à luz do conceito de perspectivismo moral do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Nosso propósito é mostrar de que forma a fala da personagem em questão, que serve de corpus de análise, compactuar com a visão relativista nietzschiana, que se opõe à postura positivista de se atribuir valor às coisas.

## **2 NIETZSCHE E O PERSPECTIVISMO MORAL EM CAVALEIROS DO ZODÍACO**

Com a máxima “não há fatos eternos, assim como não há verdades absolutas” (NIETZSCHE, Cap I, afr. II), o conceito perspectivista de Nietzsche rejeita qualquer ideia que coloque os valores morais como independentes, tendo existência em si mesmos, existindo pura e simplesmente a parte das necessidades, desejos e motivações humanas. Nietzsche nega qualquer atribuição de valor à perspectiva fenomênica. Ou seja, “não existem absolutamente fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos [...]” (NIETZSCHE, FP 2[165], KSA 12.149). A ideia de perspectivismo em Nietzsche relaciona-se com a ideia de uma interpretação moral do mundo.

A compreensão perspectivista, como um modo de experienciar a realidade, rejeita a tradição metafísica anterior, cuja característica consistiu em separar o real em essência e aparência, tendo conotações platônicas, além de cindir igualmente sujeito e objeto. Tal postura contribuiu para que tais dualidades deixassem de existir na modernidade, pois toda e qualquer experiência do real dá-se através de uma relação interpretativa. Sendo assim, sujeito e objeto são pensados e vivenciados juntos, inseridos em um processo que leva em consideração o espaço e o temporal. Tal como afirma Nietzsche, em *Vontade de Poder*:

Uma “coisa em si” é tão absurda quanto um “sentido em si”, um “significado em si”. Não há nenhum “fato em si”, mas antes um sentido há sempre de ser primeiramente intrometido para que um fato possa haver. O que “o que é isso?” é um estabelecimento de sentido visto a partir de algo outro. A “essência” [...], a “essencialidade” [...], é algo de perspectivo e já pressupõe uma multiplicidade. No fundo, jaz sempre “o que é isso para mim?” (para todos nós, para tudo que vive, etc...) [...] Não cabe perguntar: “quem interpreta?”, mas sim se o interpretar mesmo tem existência (mas não como um “ser”: como um processo, um devir) como uma forma de vontade de poder, como um afeto. (NIETZSCHE, 2008, §556, 290-291)

Nesse sentido, para Nietzsche, o caráter moral de uma ação não pertence à ação em si mesma, mas deriva de uma interpretação a respeito da ação. Para uma pessoa, matar alguém pode ser visto como correto; enquanto que, para outra pessoa, pode ser visto como algo horrível. Em outras palavras, o valor de bom ou ruim não está na ação de matar alguém, mas na interpretação que uma pessoa dá à ação de matar. Como salienta Gori e Stellino (2014), uma mesma ação pode, portanto, ter uma infinidade de interpretações morais, cada uma delas dependente da perspectiva de quem está julgando. Mas nenhuma interpretação tem valor absoluto. Cada avaliação deve emitir um valor a alguma coisa, mas cada avaliação depende da perspectiva de quem está avaliando. Sendo assim, não há um bem em si mesmo, nem um mal em si mesmo. Tudo é uma questão de perspectiva. Na *Genealogia da Moral* (III, §12, p.119), encontramos:

[...] let us be on guard against the dangerous old conceptual fiction that posited a "pure, will-less, painless, timeless knowing subject"; let us guard against the snares of such contradictory concepts as "pure reason," "absolute spirituality," "knowledge in itself": these always demand that we should think of an eye that is completely unthinkable, an eye turned in no particular direction, in which the active and interpreting forces, through which alone seeing becomes seeing something, are supposed to be lacking; these always demand of the eye an absurdity and a nonsense. There is only a perspective seeing, only a perspective "knowing"; and the more affects we allow to speak about one thing, the more eyes, different eyes; we can use to observe one thing, the more complete will our "concept" of this thing, our objectivity," be.

É indiscutível que, para Nietzsche, a perspectiva de um agente faz diferença para o que esse mesmo agente pode saber. Segundo o filósofo, certas perspectivas podem ser melhores para alguns propósitos do que outras, e circular por múltiplas perspectivas em vez de ficar preso em uma única perspectiva é válido. Outras questões surgem imediatamente. O que constitui uma

perspectiva? A metáfora pictórica é sugerida por Nietzsche, de que uma perspectiva é uma posição perceptiva a partir da qual uma coisa é vista ou envolvida. Nietzsche sustenta-se nessa metáfora visual.

Nietzsche associa perspectivas com avaliações observacionais. Isso sugere que os tipos de perspectivas que o filósofo tem em mente envolvem atitudes emocionais ou baseadas em valores, e não ou além das percepções. Nietzsche firma uma explicação relativa aos interesses da verdade segundo a qual X pode ser considerado verdadeiro e Y falso se X funcionar em uma determinada situação e Y não funcionar. A verdade, portanto, é relativa à perspectiva. Dependendo da perspectiva de alguém, diferentes significados serão dados conceitos como agência, motivação e moralidade.

Os valores morais humanos, para Nietzsche, não são autossuficientes nem muito menos fatos objetivos, não existem em si mesmos, mas são antes produto do pensamento de cada indivíduo ou grupo social. O que Nietzsche percebe é a fluidez e o caráter transvalorativo das verdades ditas morais e metafísicas. Para o filósofo, a moral é mutável, está sempre transformando-se, mudando de acordo com as situações, os tempos e as sociedades.

É alguma coisa de vulnerável, valores vão e vêm, morrem e são rapidamente substituídos por outros. O que é certo para um determinado grupo em um espaço de tempo, pode não ser certo para um outro grupo no mesmo âmbito temporal. E, inclusive, no interior de um mesmo grupo social, as verdades morais mudam ao longo do tempo. Um grupo social não vive nem acredita nas mesmas coisas que acreditavam cinquenta anos atrás. Segundo argumenta Nietzsche:

Até que a palavra “conhecimento” tenha sentido, o mundo é cognoscível; mas este é interpretável de modos diversos, e não existe nele um sentido, mas inumeráveis sentidos. “Perspectivismo”. São os nossos desejos que interpretam o mundo: os nossos instintos com seus pros e contras. Cada instinto é uma espécie de sede de domínio, cada um deles possui a sua perspectiva, que sempre deseja impor como norma a todos os outros instintos (NIETZSCHE, FP, 7[60], KSA 12.315).

Sendo assim, as leis morais são criadas pelo e para o humano, com a finalidade reprimir e possibilitar a vida em sociedade. Elas são necessárias, porém não são fixas, imutáveis ou sagradas. Elas são, antes de tudo, humanas. Nietzsche relativiza os valores morais e os reduz às vicissitudes humanas. Como podemos perceber, o conceito de perspectivismo no pensamento de Nietzsche encontra-se atrelado à ideia de relativismo moral, e está ligado à maneira como o valor é pensado, surgindo na obra *A Gaia Ciência* (1882) enquanto um conceito tomado de empréstimo das artes visuais, segundo Anderson (1998, p.2) que, em um sentido

contemporâneo, manifesta a pluralidade de olhares, o que, para Nietzsche, serviu de analogia para como os valores morais são concebidos. Há, agora, uma infinidade de pontos de vista, de perspectivas, que não são nem mais nem menos, nem boas nem más, nem justas ou injustas, nem piores nem melhores umas do que outras. Todas se encontram no mesmo patamar e podem igualmente consideradas para bem ou para mal.

De acordo com o nosso objetivo, queremos analisar uma fala da personagem Máscara da Morte, do mangá/anime Cavaleiros do Zodíaco, sob o perspectivismo nietzschiano. Para o nosso estudo, priorizaremos o texto do anime por não existir contundentes diferenças entre as mídias citadas. A cena a ser analisada encontra no episódio 39, dvd nº 9, e consiste em um encontro do cavaleiro de ouro de Câncer com o Mestre Ancião que, até este momento, não havia revelado tratar-se do cavaleiro de ouro do signo de Libra.

Na cena retratada em nossa análise, Máscara da Morte, confrontado pelo Mestre sobre o valor da justiça e sobre as ações injustas que o cavaleiro de Câncer estava protagonizando nos últimos acontecimentos que envolviam o Santuário de Atena, os cavaleiros de ouro e a verdadeira identidade do Grande Mestre do Santuário, responde ao Mestre nos seguintes termos quando o Mestre Ancião diz que o atual Mestre do Santuário era o verdadeiro traidor. Eis o diálogo abaixo:

- Parece que o senhor está pronto para morrer, Mestre Ancião? O senhor traiu o Santuário e vai pagar por isso. (MdM<sup>2</sup>)
- Eu traí? Ares, que mandou você vir aqui se livrar de mim, é quem pretende matar Atena e dominar o Santuário. O traidor é ele! (MA<sup>3</sup>)
- E daí, Mestre Ancião? (MdM)
- E daí? É como se os cavaleiros que juraram lealdade ao Mestre não soubessem de sua trama maligna. Mas você sabe muito bem que Ares é uma pessoa cruel e contudo continua fiel a ele! (MA)
- *Por favor! As definições de justiça mudam com o passar do tempo, isso é uma coisa que a história já provou. O que Ares pretende fazer agora pode ser diabólico, mas vencendo, ele*

---

<sup>2</sup>Máscara da Morte.

<sup>3</sup>Mestre Ancião.

*será o justo. Ou seja, Mestre, o errado pode se tornar o certo. Se o senhor perder, o senhor passa a ser o injusto.*

**Figura 1 - Máscara da Morte**



Fonte: Máscara da Morte, Ep. 39, DVD 9, Cavaleiros do Zodíaco

Como podemos perceber, a fala da personagem em questão questiona os valores morais preestabelecidos, que possuíam uma conotação essencialmente platônica, e mais do que isso, também cristianizada. Na postura moral positivista, havia uma tendência a atribuir um caráter moral ao mundo e às ações, a verdade possuía uma essência intrínseca e não poderia ser diferente do que era. Bem e Mal eram visões predeterminadas e fixas, absolutas, com contornos nítidos e muito bem estabelecidos nas sociedades. Havia uma ideia do que era Bom ou do que era Ruim e essa ideia, que estava para além das ações e das situações fenomênicas e, portanto, práticas, pragmáticas, deveria ser utilizado para julgar determinada ação.

Na visão moral positivista, não havia possibilidade de múltiplas visões sobre uma mesma questão. Cometer homicídio é errado independente da interpretação que uma pessoa pudesse dar à ação de matar. O assassinio é errado porque possui uma essência de malevolência, foi

estabelecido de tal forma, como algo mal, baseado em autoridades divinas, metafísicas, que serviam de bússola moral para que os humanos pudessem guiar suas ações. As ações morais eram consideradas como fatos em si mesmos. Não era possível várias interpretações do mundo, porque uma única interpretação já havia sido dada e não era possível que o mal pudesse se converter em bem, ou vice e versa.

Essa visão moral traz ecos da filosofia de Parmênides e a discussão entre ser e não-ser. A afirmação do filósofo monista Parmênides de Elea (fr. 1-2), de que apenas o Ser existe e que o Não-Ser não é, e nunca pode ser, diz respeito a que o ser é necessariamente descrito como um, único, não nascido e indestrutível e imóvel. E não pode não-ser de modo algum. O oposto do Ser é Não-Ser, que para os eleatas significava o nada absoluto, a negação total do Ser; portanto, o Não-Ser nunca pode ser. Parmênides sabia que a afirmação de que o Não-Ser também existe deve estar errada, embora não existisse nenhuma lógica formal que o capacitasse a dizer precisamente o que havia de errado com ela. Mesmo assim, ele estava certo sobre sua posição. Você não pode conhecer o Não-Ser, nem mesmo dizê-lo.

Parmênides argumenta com precisão que, uma vez que alguém disse que algo é, está impedido de dizer que foi ou será, de atribuir a ele uma origem ou uma dissolução no tempo, ou qualquer alteração ou movimento que seja. Em outras palavras, se algo é justo, jamais poderia tornar-se injusto, e o oposto também é errado. O justo não pode gerar o injusto; nem o injusto pode derivar do justo. A ideia de justiça e de injustiça estão para além das ações e estão intrínsecas nelas. Sendo assim, as ações morais são em si mesmas justas ou injustas, não importa que opiniões podemos ter sobre elas. No mesmo diálogo analisado por nós, encontramos essa perspectiva na fala do próprio Mestre Ancião, quando responde ao cavaleiro de Câncer: “Seu tolo! A injustiça nunca se torna justiça!”. Em outras palavras, Mestre Ancião possui uma visão positivista, idealista, que tem raízes na filosofia antiga grega, na mesma linha de Parmênides, cuja influência encontramos em outros filósofos, como Platão, cristianizado por Agostinho, nos séculos IV-V EC<sup>4</sup>, e responsável pela criação das bases sobre as quais se ergueriam, por séculos, os pilares da moralidade ocidental.

---

<sup>4</sup>“Era comum”. Preferimos utilizar, nesse artigo, as referências temporais de AEC (antes da era comum) e EC (era comum) para nos referirmos às datações, contribuindo para uma visão menos cristocêntrica, como já utilizado por livros especializados.

As formas da filosofia de Platão eram os paradigmas ideais e auto-instanciadores de conceitos, os exemplos perfeitos de correção, beleza e bondade, como podemos observar no diálogo *Parmênides*, fr. 130b. Para Platão, nossa apreensão das ideias por meio do testemunho dos sentidos, vindos da realidade material, externa à consciência, é inadequada para o verdadeiro conhecimento, e é apenas pela lembrança das formas anteriores ao nascimento que podemos apreendê-las adequadamente. Ou seja, em Platão, e conseqüentemente em *Parmênides*, de quem Platão é herdeiro, existe uma essência do que é o Bem, que não vem da percepção sensorial, mas que existe enquanto Ideia de Bem transcendentemente, para além da realidade fenomênica.

A fala de Máscara da Morte pontua justamente uma visão perspectivista aos moldes nietzcheanos. O subjetivismo, próprio da visão idealista, enfraquece a ideia de que as coisas possuem uma essência incondicional e atemporal, ou seja, uma natureza que se encontra resguardada, isolada de nossas necessidades e desejos, uma vez que a essência do que existe depende da perspectiva que se dá, está intrinsecamente ligada à visão de mundo que pressupõe essa mesma essência. A natureza de algo é ela própria histórica e culturalmente criada, pressupondo uma multiplicidade de olhares e interpretações. O sentido é oferecido por um sujeito.

As perspectivas são mais do que apenas crenças, um erro que tornaria todas infalíveis. Se o que é verdade para uma pessoa é uma questão de perspectiva, e uma perspectiva é apenas o conjunto de crenças dessa pessoa, então o crente nunca pode estar errado. Todo conjunto de crença é igualmente válido, nenhum é mais ou menos importante do que outro, são apenas frutos de perspectivas distintas. Sendo assim, não há como julgá-los enquanto melhores ou piores, Bem ou Mal, bons ou ruins. As perspectivas possuem ligação com centros de interesse, ou atitudes organizadas em torno de uma preocupação comum. Toda avaliação é feita a partir de uma perspectiva definida: a da preservação do indivíduo, de uma comunidade, de uma raça, de um estado, de uma igreja, de uma fé, de uma cultura, etc. As perspectivas são locais e abstratas.

No diálogo de MdM, quando ele afirma que o justo pode se tornar injusto, o certo pode se transformar em errado, e vice e versa, o cavaleiro salienta categoricamente que todo e qualquer sentido é sempre visto a partir de alguém. Não há ações ou atitudes morais que sejam boas ou ruins, justas ou injustas em si mesmas, mas que as mesmas sempre vão depender das necessidades e desejos de cada indivíduo ou de cada grupo humano. Se para determinadas comunidades da África, castrar o clitóris de uma mulher é moral e culturalmente aceitável, para

nossa sociedade tal prática é vista como abominável e moralmente repulsiva, maléfica. O que MdM diz é, necessariamente, que não podemos julgar uma ação moral porque não existem critérios a partir dos quais possamos estabelecer uma hierarquia de valores com os quais determinar como boa ou ruim uma situação ou ação específicas.

Vejam os que o personagem afirma categoricamente que as noções de Bem e Mal, de Justiça ou Injustiça não existem por si mesmas, não estão independentes dos humanos, que são os responsáveis por conferir um sentido ou significado aos fatos e ações e interpretá-los como justo ou injusto. No momento em que MdM salienta que as categorias de justiça e injustiça poderiam muito bem intercambiar de lugar – a justiça tornando-se injustiça ou vice e versa – dependendo de quem exerce o poder, de quem se encontra em cima, vemos aqui a ideia explicitamente nietzschiana de formulação da moral, tal como se encontra na *Genealogia*.

Para Nietzsche, os conceitos de Bem e Mal foram criados a partir de uma dialética entre aristocracia e povo, encontra-se relacionado a uma divisão social onde o que é bom, o que é justo está ligado à classe dominante, ou seja, àqueles que possuem o poder; enquanto que, por outro lado, os valores considerados maus, ou injustos, ou baixos, são aqueles que provêm das esferas sociais que estão embaixo. Nietzsche (*Genealogia*, Prólogo, §6) diz que:

[...] mas quem neste ponto se detém, quem aqui aprender a questionar, a este sucederá o mesmo que ocorreu a mim – uma perspectiva imensa se abre para ele [...], cambaleia a crença na moral, em toda moral – por fim, uma nova exigência se faz ouvir. [...] Necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isso será necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram.

Na personagem analisada por nós, o nome que lhe é dado, e que obviamente trata-se de um título, um apelido, haja vista que não conhecemos o nome verdadeiro, já diz respeito a essa falta de essência trazida pelo próprio cavaleiro. *Máscara* sem rosto, não há um nome por trás que possa definir ou essencializar a personagem. Uma vez que não sabemos o seu nome verdadeiro, não sabemos quem ele de fato é, ou seja, ele pode ser qualquer coisa, uma de cada vez ou todas ao mesmo tempo.

Não existe nada por trás dessa *Máscara*, uma face a qual possamos reconhecer alguma coisa e dizer: é isso ou é aquilo. Nada. Apenas temos a máscara que aparente ser alguma coisa, mas da qual não sabemos muito bem. A personagem é, em si mesma, uma multiplicidade de possibilidades de ser, sem que coisa alguma possa fixá-la em uma única essência. Poderíamos

fazer um trocadilho analítico do nome da personagem, sendo uma Máscara que leva à morte, ou seja, à ruína de todo e qualquer valor independente da vontade humana. O que o nome da personagem demonstra é que não há um fato por trás da máscara, uma personalidade una e coesa, um rosto reconhecível, mas uma infinidade de viabilidades, um sem número de perspectivas. De que forma podemos visualizar o rosto por trás da máscara de Máscara da Morte? Se não há um rosto, nós inventamos um, cada um de nós damos à personagem o rosto que queremos.

É justamente aqui que podemos encontrar uma certa noção de imoralidade, no sentido de um antagonismo à moral previamente estabelecida pela postura positivista, tradicional, que no diálogo é representado pelo Mestre Ancião. A postura de MdM efetua, ou ao menos exige, uma reviravolta dos valores. Em *Vontade de Poder* (§167), Nietzsche diz que "sabe-se qual é a palavra que preparei para esta luta, a palavra imoralista; minha fórmula também é conhecida: além do bem e do mal". O sujeito humano faz sua própria moral. MdM, ao falar no diálogo, questiona aquilo que era mais caro aos cavaleiros de Atena, retirando-os de sua zona de conforto: por que devemos seguir Atena e não Ares? Por que Atena está certa? Por que ela é a justiça? E se Ares estiver correto? E se for ele o Bem e Atena o Mal? Por que não invertemos os valores? O que confere valor aos valores morais? A partir de quais critérios devemos julgar se um valor moral é melhor ou pior, uma vez que esses próprios critérios podem ser eles próprios colocados em julgamento também?

Em outras palavras, sem um critério de valor moral, tudo seria permitido. Seguindo esse raciocínio, Nietzsche até pode ser interpretado como um defensor de um relativismo moral extremo segundo o qual, uma vez a morte de Deus e o caráter perspectivo da realidade, os agentes morais, ou seja, os humanos, devem agir de acordo com os seus próprios interesses, mesmo que isso signifique agir contra os interesses dos outros.

Para utilizarmos um outro exemplo mais simples a fim de entendermos melhor o perspectivismo de Nietzsche, pensemos que algumas pessoas, dez pessoas diferentes, observam uma mesma maçã. Elas não podem ver a maçã sob o mesmo ponto de vista, focal, porque, obviamente, ocupam lugares diferentes no espaço. Logo, todas as pessoas a observarem a maçã terão visões e percepções diferentes dela. Nesse sentido, quando perguntamos "o que é maçã?", provavelmente vamos obter respostas muito variadas, que são originadas das múltiplas perspectivas que essas pessoas tiveram, haja vista que observaram a maçã de modos distintos.

Sendo assim, como podemos definir o que é uma “maçã” se, para tanto, obtivemos respostas que serão em si mesmas diferenciadas? Como poderemos estabelecer quais das respostas dadas poderão servir melhor para definirmos o conceito “maçã”? Quais critérios devem ser utilizados para que, de tantas percepções distintas, possamos retirar uma, e tão somente uma, que seja fixada como sendo a aceitável e permitida?

Sendo assim, como podemos dizer o que é justiça se o que é justo é variável de acordo com os grupos humanos espalhados ao redor do planeta, e mais do que isso, transforma-se ao longo do tempo, não somente entre sociedades, mas no interior dos mesmos grupos humanos? Há dois séculos, o voto feminino era visto como impraticável, impossível e totalmente condenável. Mulheres não poderia votar porque não eram aptas para tal. Hoje em dia, no entanto, na maior parte das sociedades, o voto feminino é visto não somente como necessário, como também um direito individual, uma maneira de expressar a individualidade humana. O que antes era considerado passível de recriminação, atualmente é aceitável e defendido.

A época de Nietzsche foi um momento de desestabilização, de ruína do metafísico, o rompimento da bússola moral que guiava as ações do humano. Foi o momento em que os valores morais foram atirados ao rés-do-chão, descobertos como meros produtos humanos, sem qualquer deus para garantir seu cumprimento ou mesmo o castigo ou o benefício para cumpri-los ou não. Nem herói nem anti-herói, o humano não sabia mais como agir. Se os valores eram puramente humanos e não havia deus para legitimar suas existências, então, por que ou para que segui-los? Afinal de contas, se deus não existe, então tudo é permitido?

Nietzsche traz o conceito da “morte de Deus”, no parágrafo 125 de *A Gaia Ciência*, falando sobre como o desaparecimento de Deus fizera o sistema de crenças básico da Europa Ocidental entrar em perigo. O filósofo de modo algum afirma que havia um Deus e que este morreria, mas que a nossa ideia de um Deus, que garantia a legitimidade dos valores morais, havia morrido. A Europa não precisava mais de Deus como fonte de toda moralidade, valor ou ordem no universo, pois a filosofia e a ciência foram capazes de fazer isso por nós.

Essa crescente secularização do pensamento levou o filósofo a perceber que não apenas Deus estava morto, mas que os seres humanos o mataram com sua revolução científica, seu desejo de compreender melhor o mundo. Com o antigo sistema de significado desaparecido, um

novo poderia ser criado, mas ele trazia riscos - aqueles que poderiam revelar o que há de pior na natureza humana.

De acordo com Gori e Stellino (2014), isso se dá como um relativismo que implica a multiplicação dos pontos de vista e o egoísmo que decorre da tendência de impor a própria perspectiva, que o próprio Nietzsche identifica como sendo uma característica fundamental dos instintos humanos, o que provoca, seguindo ainda Gori e Stellino, consequências significativas no plano da filosofia prática. Uma vez que os valores morais haviam sido relativizados, e o que era certo para mim podia não ser certo para você, mas não havia um julgamento moral que pudesse mostrar lógica e objetivamente o benefício ou malefício de um valor moral, emergiu um perigo iminente que, entre muitas outras consequências, Nietzsche acreditava que a remoção desse sistema colocava a maioria das pessoas em risco de desespero ou falta de sentido.

No aforismo 343 de *A Gaia Ciência*, Nietzsche questiona sobre as consequências dessa relativização de todos os valores: Qual poderia ser o sentido da vida agora que não havia um deus? E mesmo que houvesse um, o mundo agora sabia que ele não nos colocara no centro do universo. Nós estávamos aprendendo sobre a nossa própria origem animal e nada divina. Vimos o mundo verdadeiro e ele não tinha nada de sagrado. O universo não foi feito para a existência humana. Nós não somos especiais. A subjetividade humana foi implodida e o indivíduo, reduzido a nada. Nietzsche entendia que essa compreensão do mundo poderia levar ao pessimismo, a uma vontade de nada, ao niilismo.

Nietzsche afirma, portanto, o caráter fundamentalmente trágico da existência humana ao salientar a falta de sentido da mesma, cuja morte de deus apregoa um niilismo, ou seja, os valores morais são infundados e não há qualquer sentido ou lógica ou propósito divino na existência humana. Nada é moral ou imoral, nada é bom ou ruim, nada é justo ou injusto em si mesmo, tudo vai depender da perspectiva, e sendo assim, os pontos de vista não podem ser julgados. Não há como estabelecermos um juízo de valor sobre eles.

Por essa razão, Mdm afirma para o Mestre Ancião que, se ele, o Mestre, perdesse a batalha, o que ele defendia seria considerado o errado, o injusto. Se Ares (Saga) vencesse, o que ele acreditava, aquilo pelo que lutava, transformar-se-ia de imediato no certo. Justo e injusto não são essências encerradas, mas estão imbricados nas práticas e interpretações humanas.

Aquele que vence, o mais forte, torna aquilo que acredita o Justo e o Bem. Tudo é uma questão de poder e discurso, um problema de perspectiva. Como salienta Nietzsche:

Que as coisas tenham uma constituição em si, completamente abstraída da interpretação e da subjetividade, é uma hipótese inteiramente ociosa: seria pressupor que o interpretar e o ser sujeito não sejam essenciais, que uma coisa desligada de todas as relações ainda seja coisa. (Vontade de Poder, 2008, §560, p.292)

Exemplifiquemos de uma forma radical: na relativização dos valores, o Nazismo, de Adolf Hitler, não pode ser condenado, haja vista que representa a perspectiva de um indivíduo. Para Hitler, era certo matar os judeus, mesmo que para outra pessoa aquilo fosse abominável. São pontos de vista diferentes. Percebemos, portanto, o perigo da relativização moral que Nietzsche já apontava em *A vontade de potência*: “O que eu relato é a história dos próximos dois séculos. Eu descrevo o que está por vir, o que não pode mais vir de outra forma: o advento do niilismo ... Há algum tempo, toda a nossa cultura europeia caminha para uma catástrofe” (NIETZSCHE, Vontade de Poder, 2008, Esboço para um prólogo). Como salienta Leo Strauss (1965, p.26):

According to Nietzsche, the theoretical analysis of human life that realizes the relativity of all comprehensive views and thus depreciates them would make human life impossible, for it would destroy the protecting atmosphere within which life or culture or action is alone possible. To avert the danger to life, Nietzsche could choose one of two ways: he could insist on the strictly esoteric character of the theoretical analysis of life - that is, restore the Platonic notion of the noble delusion - or else he could deny the possibility of theory proper and so conceive of thought as essentially subservient to, or dependent on, life or fate. If not Nietzsche himself, at any rate his successors adopted the second alternative.

O relativismo moral, portanto, ou perspectivismo de Nietzsche é a ideia de que não existem regras absolutas para determinar se algo está certo ou errado, se alguma coisa é justa ou injusta, boa ou ruim. Ao contrário dos absolutistas morais, os relativistas morais argumentam que o bom e o mau são conceitos relativos - se algo é considerado certo ou errado, pode mudar dependendo da opinião, contexto social, cultura, tempo, ou uma série de outros fatores.

Os relativistas morais argumentam que existe mais de um sistema válido de moralidade. Uma rápida olhada ao redor do mundo ou através da história revelará que não importa o que acreditemos ser moralmente certo ou errado, há pelo menos uma pessoa ou cultura que acredita de forma diferente e mantém sua crença com tanta convicção quanto nós. Essa existência de diversidade moral generalizada ao longo da história, entre culturas e mesmo dentro das culturas, levou alguns filósofos, como Nietzsche, a argumentar que a moralidade

não é absoluta, mas sim que pode haver muitos sistemas morais válidos: que a moralidade é relativa. Sendo assim, o filósofo disserta:

Contra o positivismo, que fica no fenômeno ‘só há fatos’, eu diria: não, justamente não há fatos, só interpretações [Interpretationem]. Não podemos verificar nenhum fato ‘em si’: talvez seja um absurdo querer tal coisa. // “Tudo é subjetivo, dizeis: mas já isso é interpretação [Auslegung]. O “sujeito” não é nada de dado, mas sim algo a mais inventado, posto por trás. É afinal necessário pôr o intérprete por trás da interpretação? Isso já é poesia, hipótese. // Tanto quanto a palavra ‘conhecimento’ tem sentido, o mundo é conhecível: mas ele é interpretável de outra maneira, ele não tem nenhum sentido atrás de si, mas sim inúmeros sentidos. ‘Perspectivismo’. // Nossas necessidades são quem interpreta [auslegen] o mundo; nossas pulsões e seus prós e contras. Cada pulsão é uma espécie de ambição despótica [Herrschaft], cada uma tem a sua perspectiva, perspectiva que a pulsão gostaria de impor como norma para todas as outras pulsões. (NIETZSCHE, Vontade de Poder, 2008, §481, p.260)

Nietzsche acredita que todos os sistemas normativos que desempenham algo parecido com o papel que associamos à “moralidade” compartilham certas características estruturais, mesmo que o significado e o valor desses sistemas normativos variem consideravelmente ao longo do tempo. Nietzsche ataca a moralidade tanto por seu compromisso com afirmações descritivas insustentáveis (metafísicas e empíricas) sobre a agência humana, quanto pelo impacto de suas normas e valores distintos no florescimento dos tipos mais elevados de seres humanos. Nietzsche visa libertar os seres humanos de sua falsa consciência sobre a moralidade (sua falsa crença de que essa moralidade é boa para eles), não uma transformação da sociedade em geral. Nietzsche visa oferecer uma reavaliação dos valores existentes de uma maneira que parece, por si só, envolver o apelo a padrões amplamente “morais” de algum tipo.

Sem dúvida, a questão mais interessante e mais problemática dessa leitura do perspectivismo de Nietzsche é justamente como este pensamento pode ser aplicado a si próprio. Se a verdade não existe em si mesma, porque existem muitos tipos de verdades, vindos das mais variadas percepções humanas, então o que faremos com essas mesmas afirmações? O perspectivismo não seria em si mesmo apenas uma outra perspectiva? O perspectivismo deveria ser verdade para todos que possuem interesses distintos que constituem as diferentes perspectivas.

Se o perspectivismo é uma perspectiva, existem perspectivas nas quais as declarações são falsas apenas em uma perspectiva. Se o perspectivismo não é uma perspectiva, então não é verdade que todas as afirmações sejam verdadeiras em algumas perspectivas e falsas em outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, buscamos analisar a ideia do perspectivismo moral nietzschiano, discussão que se insere dentro da área da metaética, que debates questões concernentes ao relativismo moral, a partir do anime/mangá Cavaleiros do Zodíaco, investigando a fala da personagem Máscara da Morte, o cavaleiro de ouro de câncer, cujas ideias fazem eco à filosofia do pensador alemão da segunda metade do século XIX, cujos escritos abriam as portas da contemporaneidade e profetizou a realidade dos dois próximos séculos: o niilismo.

Vimos que a palavra relativismo diz respeito à relativização em relação à uma ideia de verdade que, em si mesma, não possui essência e, sendo assim, está fadada a transformar-se ao longo do tempo, jamais se mantendo a mesma, imutável. De acordo com um relativista, nada pode ser considerado uma verdade em si mesmo, haja vista que não existem fatos, apenas percepções vindas das mais variadas formas de se olhar e interpretar o mundo. O que está fora de nós, o mundo em face do qual nos encontramos, não possui um sentido ou significado intrínseco, mas antes dado por nós. Somos nós quem oferecemos um valor moral ao mundo.

Dentro dessa discussão relativista da moral, encontra-se os debates em torno da filosofia moral nietzschiana, cujas ideias espalham-se pelos escritos filosóficos do autor, como em *A Gaia Ciência*, *A Vontade de Poder* e *Para além do Bem e do Mal*, além dos escritos póstumos. O conceito de perspectivismo de Nietzsche diz respeito à ideia de que não existem valores morais independentes das necessidades e desejos humanos. Para o pensador, não há fatos morais, apenas interpretações morais de fenômenos do mundo. A experiência com o mundo dá-se através de uma relação interpretativa.

A partir dessa noção que o próprio Nietzsche define como *imoral*, uma vez que abre caminho para uma transvaloração dos valores pré-estabelecidos, analisamos uma personagem de CDZ à luz do relativismo moral nietzschiano. Percebemos que na fala de Máscara da Morte, em seu diálogo com o Mestre Andião, cavaleiro de ouro de Libra, encontra-se nuances de um relativismo moral que rejeita toda e qualquer essencialidade para os valores morais. O Bem e o Mal são uma e a mesma coisa, são intercambiáveis dependendo do espaço, do tempo, da cultura, e até mesmo, no caso do desenho, de quem detém o poder.

Percebemos que a personagem traz aspectos do perspectivismo nietzschiano em sua fala e notamos que o próprio nome do cavaleiro, Máscara da Morte, um apelido, efetiva o discurso que ele defende. MDM é apenas uma máscara sem rosto que nos leva a perguntar sobre que face se esconde por trás dessa máscara que indica a morte, a ruína de todos os valores morais essencialistas, existentes enquanto independentes da vontade humana.

Também observamos os perigos que moram na ideia de uma relativização radical dos valores, em uma visão perspectivista da moral, em que toda e qualquer percepção avaliativa pode e deve ser considerada como tendo igual status e a mesma validade. Uma vez que os critérios para se estabelecer uma ordem de valores podem ser em si mesmos questionados, a pergunta que permanece é: como encontrar a saída desse labirinto moralmente relativo?

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, L. **Truth and Objectivity in Perspectivism**. Synthese, n. 115/1, p. 1-32, 1998.

GORI, Pietro; STELLINO, Paolo. **Il Prospettivismo morale nietzschiano**. Syntesis, anno II, Fascicolo 2, (Nuova Serie), 2014. pp. 109-128.

HARMAN, Gilbert. **The nature of morality – an introduction to ethics**. NY, US: Oxford University Press, 1977.

KIRK, G. S. RAVEN, J. E. SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos**. Ed.7. Tradução de Carlos Alberto Louro Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

NAGEL, Thomas. **A última palavra**. São Paulo: UNESP, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. Ed.5. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos Póstumos**. Tradução de Oswaldo Giacóia Junior. Trans/Form/Ação, São Paulo, 13:139, 1990. pp. 139-145.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da moral – uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. Ed.10. São Paulo: Companhia das Letras,

\_\_\_\_\_. **Para além do bem e do mal – prelúdio de uma filosofia do futuro**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. **On the genealogy of morals**. Translated by Walter Kalfmann and R. J. Hollingdale. NY, US: Vintage Books Edition, 1967.

\_\_\_\_\_. **Vontade de Poder**. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

PLATÃO. **Parmênides**. Tradução de Maura Iglesias e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2003.

SEBOLD, Sergio. **Relativismo, o mal do século**. Disponível em:  
<https://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2014/01/30/relativismo-o-mal-do-seculo.html> Acesso em: 02 de maio de 2021.

SHIRYU contra o Máscara da Morte. Episódio 39. DVD 9. Cavaleiros do Zodíaco – Saga do Santuário. Rimo S.A. 2019.